

ESTRADAS, LARGOS E ATMOSFERAS DE PREFERÊNCIA – A REDE DE ESPAÇOS LIVRES NO CATETE, RIO DE JANEIRO | RJ

*Alex Assunção Lamounier
Thereza Christina Couto Carvalho*

Resumo

O Catete foi bairro nobre de destaque no início da valorização da zona sul do Rio de Janeiro. Teve importância ampliada por sucessivas obras de infraestrutura, graças à localização estratégica no acesso centro-zona sul. Em sua formação, o “Caminho da Praia Vermelha”, atual Rua do Catete, é estruturante fundamental, reforçado por uma rede de espaços livres atrativos. Este trabalho explora as relações entre atratividade urbana e Atmosferas de Preferência, analisando a rede de espaços livres em torno da Rua do Catete. Tendo o Largo do Machado como espaço central, essa rede é conformada pelos jardins do Palácio do Catete, Praças José de Alencar e São Salvador, e Parques Guinle e do Flamengo. A perspectiva adotada fundamenta-se em estudos sobre atmosferas urbanas e na metodologia de identificação das “etapas de sedimentação da paisagem” de espaços atrativos (CARVALHO, 2009).

Palavras-chave: atratividade urbana; DNA da paisagem; atmosfera urbana; atmosfera de preferência; Catete.

Abstract

Catete was a prominent neighborhood at the beginning of the valorization of Rio de Janeiro southern zone. Its importance has been expanded by successive infrastructure works, thanks to the strategic location in the center-southern zone access. In its formation, the “Caminho da Praia Vermelha”, currently Rua do Catete street, is a fundamental structurant, reinforced by an attractive open spaces network. This work explores the relationships between urban attractiveness and Preference Atmospheres, analyzing the open spaces network around Rua do Catete street. Having Largo do Machado square as a central space, this network is conformed by the Palácio do Catete gardens, José de Alencar and São Salvador Squares, and Guinle and Flamengo’s Parks. The perspective adopted is based on urban atmospheres studies and on the methodology for identifying the “stages of landscape sedimentation” of attractive spaces (CARVALHO, 2009).

Keywords: urban attractiveness; landscape DNA; urban atmosphere; preference atmosphere; Catete.

Resumen

Catete fue un barrio noble de destaque al inicio de la valorización de la zona sur de Rio de Janeiro. Su importancia fue ampliada por sucesivas obras de infraestructura, gracias a la ubicación estratégica en el acceso centro-zona sur. En su formación, el “Caminho da Praia Vermelha”, actual calle Rua do Catete, es estructurante funda-

mental, reforzado por una red de espacios libres atractivos. Este trabajo explora las relaciones entre atraktividad urbana y *Atmósferas de Preferencia*, analizando la red de espacios libres en torno a la calle Rua do Catete. Con el Largo do Machado como espacio central, esa red es conformada por los jardines del Palacio del Catete, Plazas José de Alencar y São Salvador, y Parques Guinle y del Flamengo. La perspectiva adoptada se fundamenta en estudios sobre atmósferas urbanas y en la metodología de identificación de las “etapas de sedimentación del paisaje” de espacios atractivos (CARVALHO, 2009).

Palabras-clave: atraktividad urbana; ADN del paisaje; atmósfera urbana; atmósfera de preferencia; Catete.

INTRODUÇÃO

O Catete foi área nobre de destaque no início da valorização da zona sul do Rio de Janeiro. Bairro considerado tradicional no imaginário urbano do Rio, sediou o Governo Federal e teve importância ampliada por sucessivas obras de infraestrutura, graças à localização estratégica no acesso entre o centro e a zona sul da capital carioca. No processo de formação do bairro, o “Caminho da Praia Vermelha”, atual Rua do Catete, é estruturante fundamental na configuração de uma rede de espaços livres significativa na integração do que chamamos Atmosfera de Preferência.

Tendo o Largo do Machado como espaço central, primeira praça configurada nas margens da antiga Estrada do Catete – também chamada de “Caminho da Praia da Vermelha” –, essa rede é formada também pelas Praças José de Alencar e São Salvador, pelos jardins do Palácio do Catete – atual Museu da República – e pelos Parques Guinle e do Flamengo. É integrada, portanto, por espaços livres de diferentes escalas cujos atrativos se complementam e se reforçam na configuração da atmosfera do bairro.

Com o objetivo de explorar as relações entre atratividade urbana e o que chamamos de Atmosferas de Preferência, o presente trabalho analisa a referida rede de espaços livres, sob a ótica das “etapas de sedimentação da paisagem”, conforme metodologia que vem sendo desenvolvida por Thereza Carvalho (2009). Nesse sentido, a região do Catete *é abordada*

a partir da estrada que lhe deu origem, entendendo-se a rede de praças e parques que se desenvolve em torno daquela estrada – a atual Rua do Catete – como determinante de uma Atmosfera de Preferência no Rio de Janeiro. O Largo do Machado, considerado espaço central na rede mencionada, possibilita sintetizar aspectos significativos da atratividade e da atmosfera do bairro do Catete. Tem papel de destaque, portanto, nas análises aqui apresentadas.

ATMOSFERAS DE PREFERÊNCIA E ATRATIVIDADE URBANA

A discussão sobre o que define Atmosferas de Preferência envolve reflexões sobre atratividade e vitalidade urbana em diferentes escalas. Thereza Carvalho (2009) vem desenvolvendo um método que trata do “capital genético de espaços públicos, focalizando o papel desses espaços na articulação de centralidades”. Identifica três etapas na consolidação de espaços atrativos – “singularidade atrativa”, “fruição agregadora” e “tradição valorizadora” – que conferem “aos espaços atributos que os distinguem e caracterizam”, contribuindo “para que resistam a situações desqualificadoras”.

“Singularidade atrativa” refere-se à etapa em que um determinado espaço é percebido “como espaço de exceção”. Pode se dar em virtude de “atributos morfológicos [...] e ou também pela sua feição geomorfológica, e pela localização em relação à rede de espaços e caminhos que

integram”. Também pode ser intencionalmente definida, através da concepção e concretização de projetos urbanos, ou, ainda, resultar da permanência de determinadas arquiteturas, funções ou *status* que tiveram destaque no passado (CARVALHO e COELHO, 2009, p. 296).

“Fruição agregadora” se dá quando determinados espaços “conquistam cumulativamente significados reconhecidos e prestigiados com potencial para se constituírem em imagens com identidades de referência” (*ibidem*, p. 299). Integrandos novos usos, potencializa “singularidades atrativas” e pode conduzir ao reconhecimento como “espaços valorizados de exceção”, sob certas condições. Manifesta-se “através de diferentes e sucessivas práticas de apropriação, de usuários, usos e atividades que se somam à sua volta”. A “excepcionalidade” pode ser resultante de diferentes dimensões, mas sempre se relaciona à “*fruição da paisagem*”.

“Tradição valorizadora” envolve a consolidação das fases anteriores, incluindo-se a “intensificação dos conteúdos funcionais e simbólicos no tempo e no espaço, cujos significados socialmente reconhecidos foram coletivamente construídos e já se mostram como identidade de referência prestigiosa”. Nesta etapa ocorre significativa ampliação do “patamar de atração” que pode alcançar, inclusive, uma escala internacional, “com efeito correspondente sobre o patamar de agregação”, disparando novo ciclo com a mesma sequência de etapas (*ibidem*, p. 300).

A metodologia elaborada por Carvalho (2009) abre possibilidades que

contribuem à exploração da relação entre atratividade urbana e a configuração de Atmosferas de Preferência. Relacionando tal metodologia à ideia de atmosfera urbana, pode-se complementar que, associadas à vivência cotidiana, singularidades, fruição e o reconhecimento como tradição podem levar à definição e intensificação de vínculos afetivos com o espaço. Afetividade, ou “tonalidade afetiva” (THIBAUD, 2015), por sua vez, consiste num dos aspectos essenciais à configuração de atmosferas, conforme defendido pelos diversos estudos voltados ao entendimento deste conceito.

Kurokawa (2002, cap. 14) entende atmosfera como o sentimento de envolvimento, de “amor à cidade” – relaciona-se até mesmo ao humor do observador e “pode ser descrita como uma ordem simbólica sem uma estrutura estabelecida”, resultante da variedade de relações entre significados e elementos, possibilidades de modificação de conteúdos simbólicos, espaços intermediários entre elementos diferentes, conotações de signos, e relações das partes com o todo.

Segundo Grifféro (2013, p. 03), atmosfera urbana pode ser definida como a “pele sensorial da cidade”, resultante da combinação entre “situação geográfico-climática, condição histórica e socioeconômica, qualidade arquitetônica e de infraestrutura, expressividade de valor, língua, nutrição e assim por diante”, envolvendo, portanto, “apropriação topográfica, realização espacial do lugar e da negociação pragmática”. Considera, ainda, que a percepção de atmosferas

envolve, frequentemente, um senso de “familiaridade”, e complementa que a atmosfera de uma cidade, em modos gerais, “parece familiar quando a cidade permite que mesmo os recém-chegados possam se sentir em casa, estar no controle de sua existência” (*ibidem*, p. 04). Esta noção de familiaridade, portanto, não se restringe a um único padrão de reconhecimento – trata-se de uma “noção [...] polivocal”. Condiz, assim, com a ideia de espaço aberto à contemplação de diferentes possibilidades de reconhecimento, diferentes visões, num sentido múltiplo, proposta por Massey (2009), e com a argumentação de que uma atmosfera, inicialmente desconhecida, pode ser reconhecível nas primeiras impressões que oferece por remeter a aspectos familiares presentes na memória de quem a observa.

Para Thibaud (2015, p. 284), atmosfera envolve “criação continuada” e sua percepção depende da experiência proporcionada por determinada situação. Assim, atmosferas consideradas comuns, cotidianas, podem se tornar memoráveis conforme nos tocam, conforme a experiência que propiciam conseguem despertar nosso interesse. O referido autor conceitua atmosfera em termos de “qualidade difusa”, relacionando “três elementos de definição” interdependentes – “unidade”, “afeição” e “dinâmica” (*ibidem*, p. 244).

“Unidade” consiste na propriedade que torna única e “induplicável” uma situação, imbuindo de significados “todos os objetos e eventos [...] envolvidos numa experiência”. Atmosfera é, portanto, entendida como o que confere um

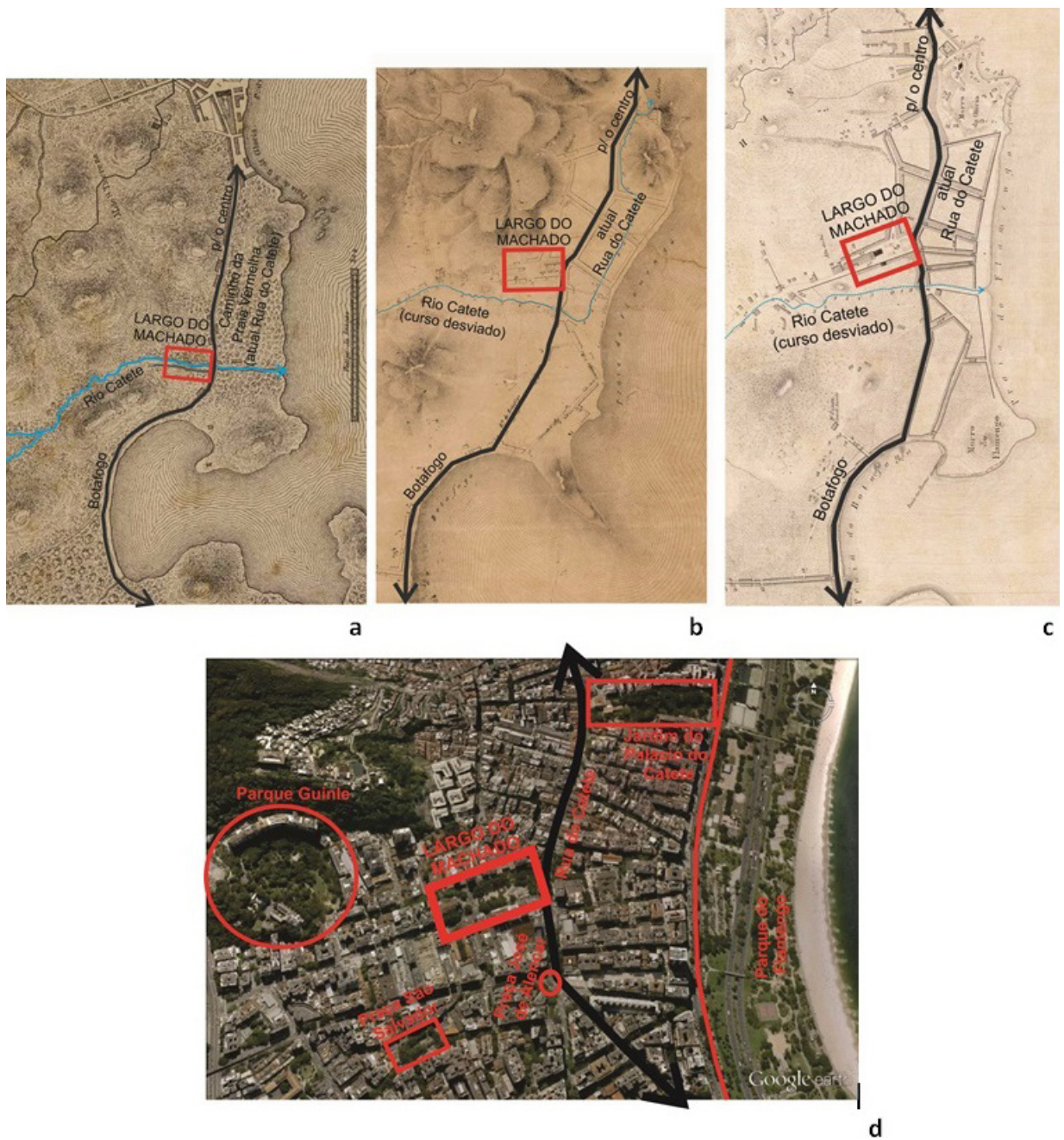
senso de unidade ao todo que integra uma situação e, ao mesmo tempo, singulariza esta situação, tornando-a específica, “colorindo a totalidade do campo circundante” (*ibidem*, p. 245).

“Afeição” é intrínseca à ideia de atmosfera, cuja apreensão “sempre envolve emoção e sensibilidade, [...] colocando-nos numa certa disposição corporal e afetiva” – uma atmosfera “confere um valor ao que aparece e exprime a tonalidade afetiva do momento”, num “modo de apreensão da realidade baseado na intuição” que não pode se restringir “a um puro ato de entendimento” (*ibidem*, p. 246).

“Dinâmica” implica no reconhecimento da situação como “um processo de transformação”. É tanto “o que motiva a investigação” como o que “dá uma coerência interna à situação, conferindo-lhe um significado e uma orientação determinados”. Revela tanto o “caráter temporal” do conceito de atmosfera como a ideia de evolução orientada – “o fato de que ela surge e se desenvolve num certo sentido e de acordo com uma orientação determinada” (*ibidem*, p. 247).

Associadas às etapas de sedimentação de espaços atrativos definidas por Carvalho (2009) e ao entendimento de espaço relacionado à multiplicidade (MASSEY, 2009), tais reflexões fundamentam a ideia de que Atmosferas de Preferência integram diferentes concepções de mundo sobre um mesmo tempo e espaço. De acordo com tal entendimento, Atmosferas de Preferência integram componentes tangíveis e intangíveis, e relacionam-se

Figura 1 – Catete: início – 1808 (a), 1850 (b), 1858 (c); 2015 – rede de espaços livres (d). Fonte: LA-MOUNIER, 2017, p. 231; p. 279.



intimamente à percepção individual. Seu reconhecimento, entretanto, pode abranger o imaginário coletivo – por conta do compartilhamento de valores culturais comuns, diferentes indivíduos podem perceber determinadas configurações como preferíveis, mesmo que por motivos diferentes (LAMOUNIER, 2017).

Entre os estudos sobre atmosferas urbanas, o acúmulo de tempo é fator comum como algo importante à configuração de atmosferas. Assumir que a configuração de atmosferas é algo relacionado à construção continuada, ou seja, demanda tempo, implica reconhecer que atmosferas não podem ser construídas de imediato ou pré-determinadas. As análises a seguir mostram a gênese e a evolução da área do Catete aqui estudada, com o intuito de entender seu processo de consolidação como centralidade que apresenta significativa atratividade no contexto da cidade do Rio de Janeiro, e como isso se relaciona à sua configuração como uma Atmosfera de Preferência no imaginário carioca.

GÊNESE E EVOLUÇÃO

O desenvolvimento do antigo “Caminho da Praia Vermelha”, atual Rua do Catete, agregando usos e ocupações diversificados em suas margens, foi indutor do surgimento e da consolidação de uma rede de espaços livres atrativos no Catete. Tendo o Largo do Machado como espaço central – temporal e espacialmente – a integração entre estes diferentes espaços

livres, praças, parques, largos e a própria estrada, é fator essencial à configuração de uma atmosfera atrativa, já consolidada no imaginário carioca e no contexto de desenvolvimento urbano do Rio.

O mapa de 1808-1812 (Figura 1a) mostra o “descampado” onde surgiu o Largo do Machado, nas “margens alagadiças” do Rio Catete, junto ao “Caminho da Praia Vermelha”. Transpondo-se o rio, limite natural, a ocupação escasseava notavelmente. O Largo foi “demarcado como logradouro público em 1810” (COARACY, 1965, p. 446). Em 1850 (Figura 1b), o traçado viário já delimitava o vazio da praça. O rio aparece desviado e a intensificação da ocupação ao longo da estrada pode ser notada pelas edificações que iam definindo as quadras contíguas a esse eixo viário. No final da mesma década, em 1858 (Figura 1c), observa-se considerável densificação, um traçado interno da praça e nova retificação do rio. Atualmente, a Rua do Catete configura eixo estruturante da rede integrada pela Praça José de Alencar, Praça São Salvador, pelo Palácio do Catete, Parque Guinle e Parque do Flamengo, tendo, como espaço central, o Largo do Machado (Figura 1d).

Necessário na “mudança da cidade [...] para o Morro do Castelo”, o “Caminho da Praia Vermelha” “deve ter sido o mais antigo” na ligação com as chácaras da zona sul (CRULS, 1965, p. 91). Ações do Poder Público reforçaram essa estrada como eixo de expansão, favorecendo o distanciamento das classes abastadas, do congestionado centro da capital carioca (ABREU, 1987).

O relevo, o Rio Catete e a estrada foram “singularidades atrativas” iniciais na conformação da rede de espaços livres. O adensamento ocupacional reflete o início da “tradição valorizadora” que resulta e alimenta, concomitantemente, “fruições agregadoras”. Usos mistos desde o desenvolvimento inicial daquele eixo e a proximidade entre praças refletem a valorização pela fruição que agrega significados, propiciando a identificação com o espaço.

Valorização como singularidade envolve reconhecimento pela população e ações do Poder Público. Implantada em 1868, a primeira linha de bondes do Rio ligava o centro ao Largo do Machado, passando pela Rua do Catete (PM RIO, [2005]). Atualmente, as diversas linhas de ônibus e a proximidade entre estações do metrô da Glória ao Flamengo atestam a importância da rua no contexto viário do Rio de Janeiro. Usos e apropriações geraram novas singularidades e possibilidades de fruição, (re)valorizando tradições espaço-temporalmente localizadas. Somados à vivência cotidiana, potencializam o estabelecimento de vínculos afetivos, aspecto que destaca relações entre atratividade urbana e Atmosferas de Preferência.

FUNCIONALIDADE E SIMBOLISMO, ATRATIVIDADE E AFETIVIDADE

De acordo com a visão do presente trabalho, Atmosferas de Preferência se relacionam a espaços singulares, reco-

nhecidos como tal num dado contexto e escala, com diferentes níveis de atratividade. Funcionalidade e simbolismo, atratividade e afetividade são tratados, conforme tal visão, como aspectos que podem estar integrados. Atrativos ‘funcionais’ podem levar à fruição que, através da vivência continuada, conduz à atribuição de significados, processo que carrega o espaço de diferentes conteúdos simbólicos, em caráter e intensidade.

Além da importância como principal eixo de desenvolvimento da cidade no sentido centro-zona sul, a Rua do Catete guarda, ainda, o simbolismo de ter sediado o Governo Federal, do início da República até os anos 1960. Atualmente, destaca-se pela vitalidade em suas margens e entorno. O Largo do Machado permanece como ponto nodal importante na cidade. A rede de espaços públicos é significativa à irradiação de sua atmosfera – tendo a Rua do Catete como eixo principal, essa atmosfera abrange, sofrendo variações, da Glória ao Flamengo, pelo menos.

O Largo do Machado – elemento central da rede de espaços livres em torno do “Caminho da Praia da Vermelha”

A configuração e a consolidação da rede de espaços atrativos no Catete conduz a reflexões sobre a permanência de um determinado caráter ao longo do tempo, resultante de uma série de “mutações e resistências”, conforme os termos de Carvalho e Coelho (2009, p. 285). Como

“centralidade urbana” de ampla atratividade, esta rede apresenta atributos que correspondem às dimensões – “morfológica”, “institucional”, “social”, “econômica”, “ambiental” e de “acessibilidade” – que integram os “conteúdos genéticos das redes de espaços públicos” (*ibidem*).

A importância do “Caminho da Praia Vermelha” no contexto de expansão urbana do Rio de Janeiro foi certamente fator indutor ao desenvolvimento do bairro do Catete, atraindo diversas ações do poder público e da esfera privada, que foram agregando novos atrativos. Além dos diversos atributos que foram se estabelecendo na atual Rua do Catete, o surgimento da rede de largos, praças e parques, conectados direta ou indiretamente a essa via, também intensificaram – e intensificam – ainda mais a atratividade do entorno. Como principal espaço livre surgido nas margens da antiga estrada, o Largo do Machado tem papel central nessa rede de espaços livres.

Enquanto a localização e as características geomorfológicas podem ter definido as “singularidades atrativas” iniciais do Largo, ainda em sua época de descampado, seu aterro, para vencer os períodos de alagamento, configurou uma área plana que, junto ao traçado livre, posteriormente resultante dos sucessivos projetos de ‘ajardinamento’, levou à configuração de certa flexibilidade – uma praça que permite múltiplas apropriações, incluindo a instalação temporária de eventos sazonais (Figura 2a). A agregação dos usos comercial e misto ao longo do tempo acabou definindo tipo-

logias de edificações que, a despeito das diferenças entre si, principalmente relacionadas às distintas épocas de construção, apresentam um padrão determinado: a localização de comércios e/ou serviços no piso térreo. Este padrão é identificado em todas as margens da praça, à exceção da área da igreja de Nossa Senhora da Glória. A localização é, ainda, um dos principais atributos do Largo do Machado em termos de “dimensão morfológica” (CARVALHO e COELHO, 2009). Localizado num ponto de confluência entre os bairros do Catete, do Flamengo e de Laranjeiras, o Largo do Machado acabou se definindo como o espaço central de uma rede integrada de espaços públicos hierarquizados e de diferentes escalas – jardim do Palácio do Catete, Praça José de Alencar, Praça São Salvador, Parque Guinle e Parque do Flamengo (como mostrado anteriormente, na Figura 1d). Nessa rede, pode-se identificar “escalas intermediárias que alimentam os elos de ligação” (CARVALHO e COELHO, 2009, p. 288). As vias que conectam esses espaços acabam atraindo usos que reforçam essa rede. Assim, cada um dos elementos que integram a rede “assume um papel complementar aos outros, eventualmente com conotações mais ou menos prestigiadas mas não menos úteis e necessárias ao equilíbrio do tecido urbano” (*ibidem*, p. 287). Considerando-se as transformações e permanências de morfologia, usos e apropriações, e a forma como conduziram à consolidação do reconhecimento do Largo do Machado como um espaço atrativo, pode-se

considerar que a manutenção de seu caráter como centralidade urbana relaciona-se à durabilidade, entendida aqui como atributo de espaços onde coexistem antigas e novas morfologias, que mantêm e propiciam, respectivamente, antigos e novos usos e apropriações – corresponde à abertura espacial ao futuro, definida por Massey (2009) como qualidade significativa ao conceito de multiplicidade.

O Palácio do Catete, antiga sede da República, guarda a memória da representação maior do Estado – a sede do Governo Federal se localizou na Rua do Catete desde a Proclamação da República até a transferência da capital federal para Brasília, nos anos 1960. No entorno imediato do Largo do Machado, outras intervenções também caracterizam a praça como um “lugar de representação do poder público” (CARVALHO e COELHO, 2009, p. 288). O Colégio Estadual Amaro Cavalcanti (Figura 2c) é a edificação mais representativa em termos de “dimensão institucional” (*ibidem*), uma vez que foi construído para homenagear a vitória do Império brasileiro na Guerra do Paraguai e, posteriormente, sediou diversos usos institucionais relacionados à educação. A igreja e o monumento a Nossa Senhora da Glória (Figura 2b) refletem o reconhecimento da valorização da praça pela instituição religiosa. A estação do metrô e os pontos de integração das linhas de ônibus refletem a valorização, pelo poder público, da praça na malha viária do Rio. Podem ser entendidos como estruturas que consolidam essa importância, intensificada já com a

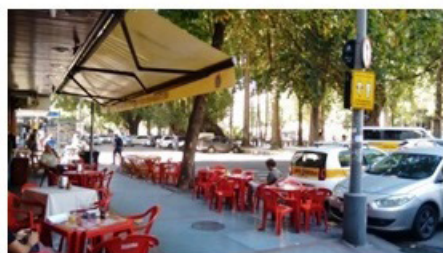
instalação das primeiras linhas de bonde do Rio de Janeiro. Mas também são elementos que agregam novas estruturas – a facilidade de integração foi, certamente, um dos fatores que atraiu o ponto de venda dos ingressos para o Cristo Redentor e, ainda, a presença constante de vendedores de pacotes privados para o referido atrativo. Outras intervenções, como os projetos de remodelação da praça – alguns sob autoria dos grandes nomes de Glaziou e de Burle Marx, respectivamente – e os equipamentos que foram sendo ali instalados também se referem a ações do poder público. No entanto, são as intervenções destacadas anteriormente que distinguem o Largo do Machado como um dos espaços de representação institucional entre outras praças do Rio – constituem elementos que, como conjunto, só existem ali.

A “dimensão social”, conforme Carvalho e Coelho (2009, p. 289), é influenciada pelas dimensões “morfológica” e “institucional” e pelas “relações das redes com os habitantes e visitantes, assim como com a cidade”. Tal conceituação aproxima-se da definição de “experiência partilhável” de Thibaud (2015) e traz um foco, por analogia, aos componentes da morfologia urbana que propiciam sociabilidade, atributo importante na configuração de atmosferas. Os extensos bancos do mobiliário do Largo do Machado, os equipamentos dos parquinhos da ‘academia da terceira idade’ favorecem a socialização, mesmo entre pessoas que não se conhecem. A estação de metrô (Figura 2d) e os pontos de ônibus inten-

sificam a frequência de pessoas por ali, o que atrai apresentações de artistas de rua e vendedores ambulantes e, ainda, amplia as potencialidades de permanência do público na praça. A escala – ampla, mas sem transcender as possibilidades de domínio visual do todo – e o vazio central da praça possibilitam a instalação de estruturas temporárias para feiras e eventos artísticos que consistem em atrativos sazonais que, no entanto, contribuem para a distinção – e difusão desta distinção – da praça como um espaço de fruição. No entorno do Largo do Machado, a grande oferta de atrativos comerciais e de serviço, incluindo bares, restaurantes, cinemas, mercados, farmácias e, ainda, as barraquinhas de ambulantes nas calçadas, intensificam, em diversas escalas, o papel da praça como um espaço catalisador do “encontro espontâneo” (CARVALHO e COELHO, 2009, p. 289). Os bares com suas mesas e cadeiras nas calçadas (Figura 2e) e as galerias comerciais de livre acesso no térreo de edifícios de uso misto amenizam a separação entre os domínios público e privado. Atrativos morfológicos e institucionais se misturam tanto na caracterização como tal, de maneira indissociável, quanto em propiciar “múltiplas funções em múltiplos horários, por diferentes grupos de usuários” (*ibidem*). O Colégio se define como uma “singularidade” que, associada aos bancos e mesas com tabuleiros e ao sombreamento das árvores, configura a área da praça onde há maior concentração de pessoas exercendo a fruição descompromissada, despreocupada em

relação à movimentação cotidiana da cidade. O caráter de pausa desta área é ainda acentuado pela mudança de piso na Rua Gago Coutinho, que levou a uma diminuição na quantidade e na velocidade dos automóveis que passam por esta margem do Largo do Machado – no lado oposto da praça, a movimentação intensa da Rua das Laranjeiras não favorece a ‘extensão’ do espaço dos estabelecimentos comerciais para a calçada. Tendo como base o mobiliário, a arborização e a proximidade do Colégio, a concentração de pessoas, por sua vez, atrai mais pessoas, seja para acompanhar os jogos de carta, participando ou apenas observando o desenrolar das partidas, ou simplesmente para se sentar ali e ‘puxar assunto’ com alguém com quem eventualmente se divide a mesa ou o banco. Pela socialização intensa, esta área acabou se tornando uma das partes da praça onde mais se nota demarcações de territórios afetivos, uns mais, outros menos duradouros (Figura 2f). A outra área refere-se às proximidades do módulo policial e do respiro do metrô, onde moradores de rua se encontram e, por vezes, pernoitam, no conforto do apoio mútuo entre pessoas na mesma condição. Esses fatores remetem aos atributos que integram a definição de “dimensão social” proposta por Carvalho e Coelho (*ibidem*): “escala”, relação “com o entorno imediato, relação entre espaços internos e externos, privado e público, histórico de ocupação e tradição de usos, áreas expostas ao sol e sombreadas”, bem como “sinais de usos mistos” nas edificações que margeiam a praça, com

Figura 2 – Largo do Machado e entorno. Fonte: o autor, 10/2013 (fotos 2b, 2c); 05/2015 (fotos 2d, 2f); 08/2017 (fotos 2a, 2e).



o comércio sempre no piso térreo e, no caso dos edifícios de diversos andares, uso residencial ou de serviços mais específicos nos pavimentos superiores.

Os referidos autores destacam que, assim como as três etapas/forças de configuração e consolidação de espaços atrativos, as dimensões que as envolvem são interdependentes entre si. De tal maneira, atributos morfológicos, institucionais e sociais podem não ser claramente separáveis e, ainda, influenciam, de maneira também relacionada, as demais dimensões. A “dimensão econômica”, portanto, é alimentada e alimenta de diversas maneiras e níveis as demais dimensões já referidas, incluindo as “atividades e usos” em seus mais “diferentes graus” (CARVALHO e COELHO, 2009). Assim, os “usos comerciais e outras atividades econômicas” do entorno reforçam e são reforçados pela proximidade com o Largo do Machado – a fruição da praça contribui para a fruição econômica dos comércios e serviços e vice-versa, agregando cada vez mais “práticas sociais e culturais [...] ali” (*ibidem*).

Quanto aos aspectos da “dimensão ambiental” (*ibidem*), a ampla escala que, no entanto, permite o domínio visual do Largo do Machado como um todo – qualidade relacionada à sensação de segurança – e a arborização com copas frondosas em suas margens configuram a praça como um espaço de ‘respiro’ em meio à densidade de edificações e intensa movimentação das ruas do entorno.

Estas cinco dimensões são reforçadas pela “acessibilidade” (*ibidem*) que, no caso

do Largo do Machado, envolve tanto a facilidade de se chegar à praça, ou de se partir dali para outros pontos da cidade, quanto a abertura, promovida pela combinação de seus diversos atributos morfológicos, a múltiplas e diferentes apropriações.

A conexão do Largo do Machado com outros espaços livres conduz à ideia de “campo difuso”, categoria importante à definição de atmosferas, conforme Thibaud (2015). Tal aspecto é analisado a seguir.

A Rede de Praças e Parques do Catete – integração e difusão de uma atmosfera atrativa de bairro

Thibaud (2015) considera que atmosfera, embora envolva também aspectos tangíveis, como a configuração físico-espacial, por exemplo, pertence mais ao campo do vago que da objetividade. Assim, atmosferas não possuem limites claramente identificáveis, nem tampouco fixos, podendo variar ao longo do tempo e, ainda, conforme a percepção de cada observador. De acordo com o mesmo autor, é importante, portanto, entender até que ponto a abrangência de uma atmosfera pode ser sentida, buscando-se identificar quais são as estruturas do entorno que ampliam o alcance do simbolismo associado à mesma, e de que maneira se dá a transição entre o reconhecimento individual e o reconhecimento no âmbito coletivo dessa atmosfera. Nesse aspecto reside seu entendimento de atmosfera em termos de “campo difuso”. No

entendimento aqui assumido, a rede de espaços livres atrativos do Catete atua como definidora desse “campo difuso”, uma vez que é composta por estruturas que, em conjunto, compõem a atmosfera geral do bairro. Se anteriormente analisamos a centralidade do Largo do Machado como exemplo de uma Atmosfera de Preferência no Catete, pautada na atratividade, em múltiplos sentidos, a partir daqui buscamos identificar a rede de espaços livres no Catete como fator de difusão da atmosfera geral do bairro.

Atrativos como a igreja de Nossa Senhora da Glória, o “Colégio do Imperador”, as estações de transporte público – ônibus e metrô – e, principalmente, a significativa quantidade de estabelecimentos comerciais considerados tradicionais, como os bares, restaurantes, cafés e cinemas próximos definem motivos que tornam o Largo do Machado um local de destino ou, ao menos, de passagem frequente, o que contribui para sua “difusão” (THIBAUD, 2015) no imaginário da cidade.

Qualidades morfológicas como localização e implantação, a rede de caminhos e conexões podem ser consideradas as características mais significativas à configuração, à evolução e à “difusão” da atmosfera do Largo do Machado. Propiciaram o surgimento de outros componentes, como edificações significativas que, embora possam não estar no entorno imediato, são integradas a essa atmosfera por conta da estrutura morfológica urbana na qual se encontram inscritas.

Nas comemorações de 400 anos do Rio de Janeiro, Coaracy (1965, p. 447)

caracterizava o Largo do Machado como “o ponto de encontro ou confluência de quatro zonas ou bairros distintos da cidade, cada um com as suas características próprias: o Catete, o Flamengo, Laranjeiras e Botafogo” – “situação especial [que] dá à praça, não só intenso movimento, como um aspecto peculiar e uma individualidade própria”. Reconhecia que “direta ou indiretamente, o Largo do Machado está incluído entre as tradições cariocas e ligado a costumes e hábitos que se transmitem de geração a geração”.

Os sucessivos parcelamentos da região acabaram definindo uma rede de espaços públicos interligados – o jardim do Palácio do Catete, as Praças José de Alencar e São Salvador, o Parque Guinle e o Parque do Flamengo – na qual o Largo do Machado tem localização central (como já mencionado, mostrado anteriormente na Figura 1d). Sua atratividade/centralidade é reforçada pela integração com esses espaços, surgidos posteriormente, ao longo da evolução da cidade. Como rede, esses espaços públicos participam da história de configuração e consolidação do bairro do Catete e reforçam, entre si, a atratividade de cada um.

A Rua do Catete liga o Largo do Machado ao Palácio do Catete, antiga sede da República. O percurso é ladeado por conjuntos de edificações que testemunham as diferentes etapas do desenvolvimento da região. São edificações de uso comercial ou misto, com serviços e comércios nos térreos, com grandes aberturas voltadas diretamente para a calçada. Na calçada leste da rua,

as barraquinhas de comércio ambulante complementam a vitalidade desse eixo. Além disso, amenizam o extenso vazio das áreas desapropriadas nas obras do metrô (Figura 3a). Próximo ao Palácio, atual Museu da República, do outro lado da rua, chama a atenção o conjunto das

edificações remanescentes dos grandes e antigos hotéis – algumas mantiveram a atividade –, cujo ritmo, definido pela escala e volume dos sobrados, é acentuado pela tipologia das fachadas, com uma sequência de largos portões, janelas e portas principais, encimada por grandes

Figura 3 – Rua do Catete (fotos 3a, 3b) e o Palácio do Catete e seus jardins (fotos 3c, 3d). Fonte: o autor, 05/2013 (foto 3c); 10/2013 (foto 3b); 08/2017 (fotos 3a, 3d).



a



b



c



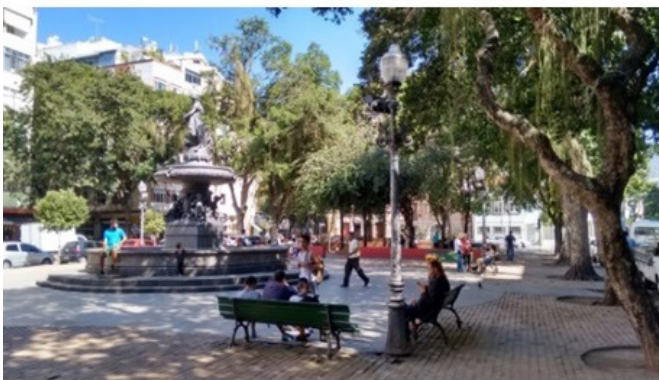
d



a



b



c



d

Figura 4 – Praças José de Alencar (fotos 4a, 4b) e São Salvador (fotos 4c, 4d). Fonte: o autor, 10/2013 (fotos 4a, 4d); 08/2017 (fotos 4b, 4c).

janelas também de espaçamento regular, no andar superior (Figura 3b).

A edificação imponente do Palácio se destaca na Rua do Catete pela escala e implantação solitária, bem como pelos detalhes marcantes da fachada (Figura 3c). Uma vez nas dependências da edificação, os atrativos são as exposições do Museu, apresentações de peças de teatro, as salas de cinema e o extenso jardim (Figura 3d), cujo projeto original foi de autoria de Glaziou. Aos domingos, serestas no jardim convidam os frequentadores a permanecer por ali até o cair da noite.

Vindo pelo Flamengo, também pela Rua do Catete, a Praça José de Alencar é um dos elementos que marcam a proximidade do Largo do Machado. A praça, cuja área foi bastante reduzida por sucessivas intervenções, é um importante entroncamento viário da região. Foi construída no ponto do antigo cruzamento do Rio Catete com o “Caminho da Praia Vermelha”. Como marco significativo, destaca-se a estátua do principal escritor da literatura romântica brasileira, que dá nome à praça. No pedestal há painéis com cenas de algumas de suas obras mais conhecidas. Consiste num ponto estratégico de parada dos pedestres que aguardam o momento propício para a travessia do cruzamento movimentado (Figura 4a). É comum ver pedestres que estendem essa pausa, aproveitando o pedestal e a sombra do monumento (Figura 4b). Tal fato revela que algo da praça, reduzida à rotatória, permanece como espaço de permanência, mesmo que com uma duração menor.

Bem próximo dali fica a Praça São Salvador, que conduz à ideia de uma micro-atmosfera, quando comparada à escala do Largo do Machado. O parquinho, a fonte, o coreto e os bancos posicionados em torno desses espaços propiciam a permanência de uma diversidade considerável de pessoas (Figura 4c). O caráter festivo da praça tem sido cada vez mais reconhecido, por conta dos sambas e chorinhos que ocorrem frequentemente ali. A atratividade da Praça São Salvador é ainda intensificada pelos bares e restaurantes em seu entorno. Conjuntos de edificações antigas de períodos diversos delimitam essa pequena praça (Figura 4d). Vindo da José de Alencar, a São Salvador é marcada pelas copas de suas árvores e, ao fundo, a visão distante do Corcovado com o Cristo Redentor. Quando o coreto da praça não está sendo ocupado pelos grupos de samba e chorinho que se reúnem ali, é comum a permanência de moradores de rua, aproveitando os bancos à sua volta e o sombreamento para o descanso.

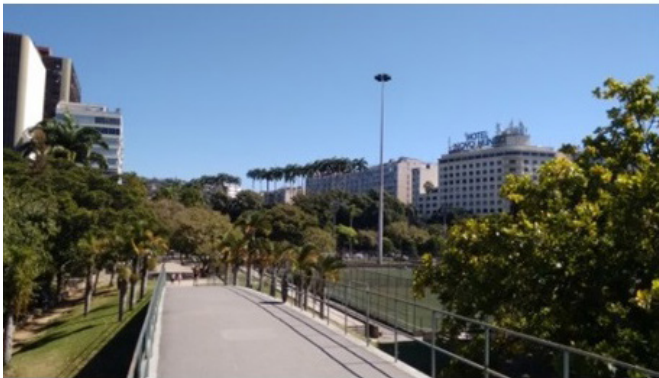
Partindo do Largo do Machado pela Rua Gago Coutinho ou pela Rua das Laranjeiras, chega-se rapidamente ao Parque Guinle, marcado pelos antigos portões – definição de acesso apenas simbólica – remanescentes do Palácio das Laranjeiras, situado no alto da encosta, e pelos edifícios residenciais modernistas projetados por Lúcio Costa, elevados sobre *pilotis* e com fachadas caracterizadas pela utilização de diferentes tipos de *brise soleil* (Figura 5a). A área de preservação em torno da qual foram implantados os



a



b



c



d

Figura 5 – Parques Guinle (fotos 5a, 5b) e do Flamengo (fotos 5c, 5d). Fonte: o autor, 10/2013 (foto 5b); 08/2017 (fotos 5a, 5c, 5d).

edifícios possui uma pequena lagoa, parquinho, bancos e trilhas distribuídas por sua extensão (Figura 5b). Define uma micro-atmosfera de caráter bem familiar, no sentido mais restrito da expressão, bastante frequentada por crianças e seus pais que os trazem para brincar ali. A exuberância do verde promove um senso de tranquilidade que contrasta com a densidade de prédios e a movimentação nas ruas próximas.

O Parque do Flamengo é o espaço que fica mais distante dos demais espaços livres que integram a rede do Catete, tanto no que se refere à escala quanto à localização. No entanto, as três passarelas de ligação – duas rampas elevadas e uma passagem subterrânea – próximas da altura do Museu da República garantem fácil acesso à Rua do Catete e ao Largo do Machado. Por conta de tal aspecto, a importância do Parque como espaço de fruição na cidade acaba ampliando as possibilidades de percursos pelo Catete. A transposição das rampas descortina um panorama onde se destaca o paredão de edifícios de diversas épocas, em meio aos quais se distingue a sequência das altas palmeiras imperiais dos jardins do Palácio do Catete (Figura 5c). Olhando para a Praia do Flamengo, pode-se ver parte da cidade de Niterói, do outro lado da Baía de Guanabara, e, ao sul, o imponente Pão de Açúcar encerrando a visão da Enseada de Botafogo (Figura 5d). Uma vez no Parque, as árvores da espécie abricó-de-macaco, implantadas ali por conta do projeto paisagístico de Burle Marx, são elementos que remetem

ao Largo do Machado.

As conexões resultantes da estrutura morfológica da região do Largo Machado contribuem para a “difusão” (THIBAUD, 2015) de sua atmosfera, que acaba integrando-se a outras atmosferas, definidas em espaços de maior e de menor escala. O resultado configura um senso de unidade – uma ideia de uma atmosfera maior, de bairro, integrada por diversas atmosferas que apresentam menores ou maiores similaridades e diferenças entre si – que transcende a escala do entorno imediato do Largo. Tal aspecto permite se pensar na existência de uma Atmosfera de Preferência maior, relacionada ao bairro do Catete e adjacências, que, apesar de algumas variações, conforme cada um dos micro ou macro espaços que a compõem, reflete uma ideia de unidade. Nesse contexto, a centralidade do Largo do Machado se destaca como definidora de uma Atmosfera de Preferência que envolve o entorno mais próximo da praça, mas que também se irradia por outras atmosferas relacionadas aos espaços conectados ao Largo. Enquanto a Rua do Catete pode ser entendida como eixo estruturador da atmosfera do bairro que tem, como praça central, o Largo do Machado, a localização das demais praças e parques aqui contemplados – uns mais distantes, outros contíguos à via mencionada – define, aproximadamente, a escala de abrangência de tal atmosfera.

Em meio à densidade de edificações, a arborização destaca as praças e parques como espaços de ‘alívio’. Tipologias arquitetônicas, variações na implantação,

fachadas e escala atestam épocas diversas. Uso comercial e misto, com aberturas voltadas para ruas e praças, galerias que relativizam a divisão público/privado, são fatores-chave da vitalidade no Catete. No dia-a-dia, são percebidos mais pelo caráter de “fruição agregadora” que, entretanto, acaba direcionando ao reconhecimento como “tradição valorizadora” e, conseqüentemente, “singularidade atrativa” (CARVALHO, 2009).

CONCLUSÃO

A diversidade de atributos “morfológicos”, “institucionais”, “sociais”, “econômicos”, “ambientais” e de “acessibilidade” (CARVALHO, 2009), propiciando múltiplas apropriações, favorece o reconhecimento do Catete como “espaço referencial”. Tal reconhecimento, pautado na atratividade, é significativo à difusão de sua atmosfera. À configuração dessa atmosfera, entretanto, é essencial como aqueles atributos propiciam diferentes “tonalidades afetivas” (THIBAUD, 2015).

Analisar o processo de evolução do bairro foi essencial para o entendimento da importância que a Rua do Catete, antiga estrada de expansão do núcleo urbano do Rio de Janeiro sentido zona sul, teve – e continua tendo – na definição de uma rede de espaços significativos e na consolidação do bairro do Catete como núcleo atrativo no contexto da capital carioca. O Largo do Machado, primeiro espaço livre resultante da ocupação con-

tígua à referida estrada, tem importância central nessa rede espacial.

De acordo com a metodologia de análise de Carvalho e Coelho (2009), constata-se que a distinção do Largo do Machado como centralidade urbana significativa do Rio de Janeiro relaciona-se às funcionalidades – entendidas num sentido mais abrangente, que inclui também a fruição do lazer – que esta praça oferece ao entorno e, também, no contexto maior da cidade. Esta atratividade ‘funcional’, por assim dizer, é um dos componentes que configuram a atmosfera do Largo. Um dos aspectos que configuram o Largo do Machado como uma Atmosfera de Preferência no reconhecimento mais amplo é, certamente, a atratividade que a praça exerce na escala maior da cidade. Reconhecer o Largo como uma Atmosfera de Preferência, no entanto, envolve atentar-se também a uma dimensão afetiva que, embora em alguns casos possa ter como uma de suas bases a atratividade funcional, não se restringe a esse atributo.

Refletindo sobre as dimensões definidas por Carvalho e Coelho (2009), à luz do entendimento de atmosfera urbana assumido no presente trabalho, pode-se considerar que a morfologia e a sociabilidade, incluindo as diferentes maneiras como se relacionam, cada uma fortalecendo a outra, resultando e, ao mesmo tempo, influenciando sua evolução, são as mais significativas na manutenção de atmosferas.

A importância da morfologia e da sociabilidade é respaldada pelos estudos

sobre atmosferas urbanas já mencionados e, também, por estudos nos quais se basearam pesquisas anteriores do autor (LAMOUNIER, 2017; 2006; LAMOUNIER e YAMAKI, 2012). Uma determinada atmosfera pode se distinguir de outras, como uma Atmosfera de Preferência, pelas maneiras como sua configuração morfológica expressa determinados significados e estimula os sentidos, sempre levando-se em conta que a percepção de tais aspectos depende dos valores culturais do observador. As maneiras como essa configuração morfológica favorece a sociabilidade têm papel essencial nessa questão. As relações entre morfologia e sociabilidade consistem em fatores importantes à distinção de uma atmosfera pelas experiências memoráveis que propicia, conduzindo ao entendimento da mesma em termos de “situação”, conforme as reflexões de Thibaud (2015).

A “dimensão ambiental” (CARVALHO e COELHO, 2009) também tem grande importância na rede de espaços livres do Catete, com exceção apenas da Praça José de Alencar. No entanto, pode não possuir a mesma importância como atributo de outras atmosferas. Em casos de algumas atmosferas de ruas cuja urbanização intensa acabou por suprimir as características naturais do terreno, e o calçamento não deixa espaço para a arborização, a “dimensão ambiental” (*ibidem*), em termos de elementos naturais ou que remetam à ideia de natureza, pode acabar tendo força como determinante apenas no que se refere ao clima do dia. Num

sentido mais amplo, no entanto, não restrito à ideia de natureza, o ambiente acaba sendo configurado pelos atributos das demais dimensões. Cabe ressaltar, contudo, que, embora possa haver casos de Atmosferas de Preferência que não possuam componentes naturais ou aparentemente naturais, esses elementos são largamente percebidos como fatores de preferência, conforme defendido pelos autores que se dedicam ao estudo de paisagens simbólicas e de atmosferas.

Nos casos da Rua do Catete, do Largo do Machado e do Parque do Flamengo, a “dimensão institucional” (*ibidem*) também possui grande força. A Rua do Catete guarda o simbolismo de ter sido a rua sede do Governo Federal do país, desde o início da República até o início da década de 1960 – o Palácio do Catete, atual Museu da República, permanece como símbolo concreto desse passado solene. O Parque do Flamengo foi inaugurado pelo então governo do Estado da Guanabara, como o grande projeto urbano marco institucional das comemorações dos 400 anos da cidade do Rio de Janeiro. Reforçando a conexão entre o centro da cidade e a zona sul, agora pela orla marítima, num traçado mais ou menos paralelo ao da Rua do Catete, no interior do bairro, a “inauguração do Aterro do Flamengo [foi] tratada como o principal evento comemorativo do IV Centenário” da capital carioca, naquele ano de 1965, conforme apontam Turazzi, Mesquita e Leite (2014, p. 81). No Largo do Machado, sucessivas intervenções do poder público marcam

o reconhecimento ‘oficial’ da praça como um espaço representativo na capital carioca e ampliam a escala desse tipo de reconhecimento. O Colégio, inaugurado como uma das Escolas do Imperador, e a Igreja trouxeram novos simbolismos que, por sua vez, foram agregando outros simbolismos, pela forma como atraem ao uso e apropriação de suas imediações. Os equipamentos de integração do transporte público – estação de metrô e pontos de ônibus – reforçam a importância histórica do Largo como ponto nodal na malha viária do Rio de Janeiro. Todos esses elementos são integrados também como atributos morfológicos que intensificam a sociabilidade na praça.

Por outro lado, como mostra o caso da implantação da linha de metrô, intervenções institucionais podem levar à desqualificação espacial. No Largo do Machado, a “dimensão econômica” (CARVALHO e COELHO, 2009) foi negativamente impactada durante o período das obras do metrô. No entanto, o apoio dos atributos das demais dimensões parece ter sido fator significativo à resiliência da praça como espaço atrativo. Uma vez concluídas as obras e tendo-se iniciado o funcionamento do metrô, a diversidade do Largo do Machado, em termos econômicos, volta a ser ampliada e a apoiar as estruturas que resistiram à desqualificação. Com isso, foram surgindo novas estruturas que apoiam e são apoiadas pela “dimensão econômica”. Assim como as intervenções institucionais, contudo, o foco sobre o aproveitamento econômico dos espaços

pode levar a transformações que desafiam a capacidade de resiliência tanto da atratividade como da própria atmosfera local, por meio de modificações intensas em sua configuração morfológica que impactam, também, sobre a “dimensão social” (*ibidem*). Essa tendência de ruptura, no Largo do Machado, pode ser identificada no grande edifício resultante da reforma do antigo Cinema São Luiz. A nova construção, nas margens da Rua do Catete, rompe com a amplitude visual do Largo do Machado e, além disso, promove uma ‘internalização’ de atrativos cuja fruição só é possível dentro da edificação. Disputa, de tal maneira, com os usos na calçada – bancas, barraquinhas e ambulantes – e às margens da mesma – os bares e restaurantes, por exemplo, com grandes aberturas para a rua e mesas nas calçadas. O mesmo tipo de transformação se vê no grande edifício espelhado recentemente construído nas imediações da Praça José de Alencar. Concentrando lojas de departamento e outros estabelecimentos comerciais no estilo *shopping center*, traz rupturas, ao mesmo tempo, à escala e aos usos do entorno que propiciam a vitalidade da rua.

Frente a esses desafios de ruptura, a atratividade do Largo do Machado pode ser considerada o grande fator de resistência da praça como uma Atmosfera de Preferência. A morfologia e a sociabilidade têm, mais uma vez, papel destacado na permanência dessa atmosfera. Nesse sentido, a rede integrada de espaços públicos, na qual o Largo tem localização central, promove tanto a

maior diversidade de atrativos como a integração de diversas atmosferas que se sobrepõem – mas não se anulam – e se complementam. Apesar de diferenças na configuração e hierarquização de seus componentes e relações entre os mesmos, conforme as especificidades de cada um desses espaços e do entorno que os conectam, essas diversas atmosferas se reforçam entre si e integram, num sentido de unidade, uma Atmosfera de Preferência maior, na escala do bairro. Dessa maneira, a “acessibilidade” (CARVALHO e COELHO, 2009) se mostra como um atributo de grande importância.

A combinação das referidas dimensões, agregando usos e funcionalidades, conduz, consolida e reforça o reconhecimento do Largo do Machado como um espaço de grande funcionalidade e amplamente atrativo no Rio de Janeiro. Este tipo de reconhecimento acaba, por sua vez, agregando mais atratividade. Atmosferas de Preferência podem estar relacionadas a aspectos presentes apenas na

memória do observador. Por outro lado, a diversidade de atrativos também pode ter papel significativo. Com a frequência da fruição, a vivência continuada pode levar à atribuição de significados afetivos.

Na escala do bairro, pode-se concluir que a estrada e a rede de praças e parques conferem resiliência à atmosfera do Catete frente às recorrentes transformações. Em termos de Atmosfera de Preferência, a força reside em como a morfologia e outros atributos propiciam múltiplas visões e apropriações que levam a identificações afetivas com o espaço. Como Atmosfera de Preferência o Catete não depende, constata-se, apenas de sua atratividade. Envolve diversas concepções de preferência, espacializadas nas múltiplas apropriações que sua configuração, tangível e intangível, propicia. O significativo reconhecimento possibilita destacar essa região como Atmosfera de Preferência cotidiana, porém, memorável no imaginário carioca.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Maurício. *A evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPP, 2013.
- CARVALHO SANTOS, Thereza; COELHO, Carlos. O capital genético das redes de espaços públicos. In: GAZZANELO, Luiz; AMORA, Ana (orgs.). **Ordem, desordem, ordenamento: urbanismo e paisagem**. Rio de Janeiro: PROARQ/UFRJ-FAU, 2009. pp. 284-303.
- COARACY, Vivaldo. *Memórias da cidade do Rio de Janeiro*. Coleção Rio 4 Séculos, vol. 3. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.
- CRULS, Gastão. *Aparência do Rio de Janeiro – notícia histórica e descritiva da cidade*. Coleção Rio 4 Séculos, vol. 1. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.

- GRIFFERO, Tonino. *The atmospheric “skin” of the city*. In: *Ambiances – international journal of sensory environment, architecture and urban space: enjeux – arguments – positions*. Grenoble: UMR 1563 – Ambiances Architecturales et Urbaines / Direction Générale des Patrimoines – DAPA – MCC, 2013. p. 01-14.
- KUROKAWA, Kisho. *Philosophy of Symbiosis*. 2002. Disponível em: <<http://www.kisho.co.jp/books/index.html>>. Acesso em 11/06/2006.
- LAMOUNIER, Alex. **Atmosferas de Preferência na ‘Cidade Maravilhosa’**. Tese de Doutorado em Arquitetura e Urbanismo – Universidade Federal Fluminense. Orientadora: Thereza Christina Couto Carvalho. Niterói, 2017.
- LAMOUNIER, Alex. **Atmosferas de Ruas – Identificação de Componentes e Qualidades em Londrina-PR**. Dissertação de Mestrado em Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento – Universidade Estadual de Londrina. Orientador: Humberto Yamaki. Londrina, 2006.
- LAMOUNIER, Alex; YAMAKI, Humberto. **A Ferrovia e o Norte do Paraná: métodos para identificação de paisagens e estratégias à preservação**. Monografia desenvolvida através do 2º Edital de Pesquisa IPHAN – A Preservação do Patrimônio Cultural no Brasil. Rio de Janeiro: IPHAN-RJ, 2012.
- MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- PM RIO – PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO. Área de Proteção do Ambiente Cultural – APAC – Catete. Rio de Janeiro: PM Rio, [2005].
- THIBAUD, Jean-Paul. *En quête d’Ambiances: éprouver la ville en passant*. Genève: MétisPresses, 2015.
- TURAZZI, Maria Inez (org.); MESQUITA, Cláudia; LEITE, João. **Rio 400+50 – comemorações e percursos de uma cidade**. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014.

ALEX ASSUNÇÃO LAMOUNIER – Doutor em Arquitetura e Urbanismo; Pós-doutorando do PROARQ-FAU-UFRJ | alex.a.lamounier@gmail.com

THEREZA CHRISTINA COUTO CARVALHO – Doutora em Desenho Urbano; Professora da FAU-UFF e do PPGAU-UFF | thereza.urbanismouff@gmail.com

SUBÚRBIO E ARQUITETURA MODERNA: ARQUITETURAS-PAISAGEM DE OSWALDO BRATKE E LINA BO BARDI

*Cláudia Costa Cabral
Anderson Dall'Alba*

Resumo

Na historiografia da arquitetura moderna, os subúrbios projetados por arquitetos com produções reconhecidas têm sido menos examinados do que as casas por eles construídas em tais parcelas. Oswaldo Bratke (1907-1997) e Lina Bo Bardi (1914-1992), arquitetos modernos atuantes em São Paulo, exemplificam bem essa questão. Pouco se sabe que o bairro Paineiras do Morumbi (1949), um dos subúrbios que Bratke projetou para o distrito do Morumbi, foi o local onde ele construiu sua residência própria (1951) e a casa de Oscar Americano (1952), entre outras obras destacadas de sua produção. Do mesmo modo, o Conjunto Itamambuca (1965), uma proposta de subúrbio pensada por Bo Bardi para a cidade de Ubatuba, não figura entre os seus projetos mais conhecidos, como é o caso da sua magistral Casa de Vidro (1949) e da Casa Valeria Cirell (1958), ambas também construídas no Morumbi, em outros bairros suburbanos implantados nas vizinhanças daquele planejado por Bratke. Postos lado a lado, os projetos do Paineiras do Morumbi e do Conjunto Itamambuca, embora separados no tempo por mais de quinze anos, levantam questões comuns, e ainda relevantes, para a apreciação crítica da arquitetura e do urbanismo modernos. O trabalho procura iluminar a relação entre a arquitetura moderna e o subúrbio, através das figuras de Bratke e Bo Bardi, examinando não apenas a arquitetura da casa, mas o que se poderia chamar de arquitetura de um território, ou para usar o termo da revista *Habitat* dos Bardi, “arquiteturas-paisagem”.

Palavras-chave: subúrbio; arquitetura moderna; Paineiras do Morumbi; Conjunto Itamambuca.

Abstract

In the history of modern architecture, the suburbs designed by renowned architects have been less examined than the houses they constructed in such places. The modern architects Oswaldo Bratke (1907-1997) and Lina Bo Bardi (1914-1992), who worked in São Paulo, exemplify this issue well. It is little known that the Paineiras do Morumbi (1949) neighborhood, one of the suburbs that Bratke designed for the district of Morumbi, was the site where he built his own residence (1951) and also the house of Oscar Americano (1952), among others highlighted works of his career. Likewise, the Itamambuca Complex (1965), which Bo Bardi planned for the outskirts of the city of Ubatuba, does not figure among her best-known works, as is the case of her masterful Casa de Vidro (1949) and Valeria Cirell house (1958), which were both also built in Morumbi, next to Bratke's planned neighborhood. When set side by side, the designs of Paineiras do Morumbi and Itamambuca Complex, although separated in time by more than fifteen years, still raise mutual and relevant questions for the critical appraisal of modern architecture and urbanism. This article wishes to shed light